

CRIAÇÃO POÉTICA E AMOR FILOSÓFICO NO POEMA “O PASTOR AMOROSO” DE FERNANDO PESSOA

POETIC CREATION AND PHILOSOPHICAL LOVE IN THE POEM “THE LOVING SHEPHERD” BY FERNANDO PESSOA

Walace Rodrigues 1
Haleks Marques Silva 2

Resumo: Este artigo tenta exemplificar a árdua relação entre a poesia e a filosofia e o seu uso pedagógico na sala de aula. Para tal intento utilizaremos como exemplo a fenomenologia do amor em um poema de Fernando Pessoa, com ênfase no heterônimo Alberto Caeiro, o qual abriga uma vasta complexidade filosófica com abordagens na percepção do mundo e na capacidade humana em transformar o que vê em símbolos, buscando através do pensar e do sentir, compreender os seus verdadeiros significados.

Palavras-chave: Poesia. Filosofia. Fernando Pessoa. Amor.

Abstract: This paper tries to exemplify the arduous relation between poetry and philosophy and its pedagogical use in classrooms. For this purpose we will use as an example the phenomenology of love in a poem by Fernando Pessoa, with an emphasis on the heteronymous Alberto Caeiro, which shows a vast philosophical complexity with approaches in the perception of the world and in the human capacity to transform what he sees into symbols, seeking through thinking and feeling, to understand their true meanings.

Keywords: Poetry. Philosophy. Fernando Pessoa. Love.

Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Pós-graduado (lato sensu) em Educação Infantil pelo Centro Universitário Barão de Mauá - SP. Licenciado pleno em Educação Artística pela UERJ e com complementação pedagógica em Pedagogia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire) e da Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL). Pesquisador no grupo de pesquisa Grupo de Estudos do Sentido - Tocantins - GESTO, da Universidade Federal do Tocantins – UFT. E-mail: walace@uft.edu.br

Possui graduação em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino, ISTA/PUC Minas; Teologia pela Università Pontificia Salesiana de Roma, UPS, Itália, e Mestrando em Ensino de Língua e Literatura (PPGL), pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. Pesquisador no grupo de pesquisa Grupo de Estudos do Sentido - Tocantins - GESTO, da Universidade Federal do Tocantins – UFT. E-mail: halekshms@hotmail.com

Introdução

Este artigo foi idealizado a partir das aulas na disciplina de “Tópicos Especiais I: Poesia e seus usos acadêmicos”, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL) da Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Araguaína. Esse escrito se colocou, também, como um dos pré-requisitos para a aprovação em tal disciplina.

Este trabalho tem caráter exploratório e parte da utilização de bibliografia coerente com nossa discussão e de parte da bibliografia lida na referida disciplina. Buscamos, com este artigo, desenvolver algumas ideias sobre o uso acadêmico da poesia e o seu verdadeiro status epistemológico dentro da sala de aula na formação dos discentes, pois vemos a literatura como um instrumento para a reflexão da realidade e da própria manifestação do ser-no-mundo.

Além disso, analisaremos o poema “O Pastor Amoroso” de Fernando Pessoa, na voz de seu heterônimo Alberto Caeiro, no intuito de também sugerir aos docentes e discentes uma maneira possível de se trabalhar um texto poético em sala de aula. Lembrando sempre da máxima de Antonio Candido (2005, p. 6) de que “ler infatigavelmente o texto analisado é a regra de ouro do analista (...). A multiplicação das leituras suscita intuições, que são o combustível neste ofício.”

A poesia na sala de aula

A realidade do uso da poesia nas salas de aula no Brasil não é tão animadora se comparada ao *status quo* dos conteúdos das disciplinas de exatas e de sua hegemonia nas matrizes curriculares. Mesmo que tenhamos uma carga horária escolar significativa da Língua Portuguesa e de Literatura, a poesia permanece quase no anonimato no decorrer de todo o ensino básico. Esta carência vai desde as escassas publicações poéticas dentro dos materiais didáticos, até a visão pessoal dos docentes em relação a sua real importância na formação da sensibilidade própria de cada ser humano.

“De fato, a maioria dos professores de Português e Literatura não procura despertar o senso poético no aluno, não se interessa por uma educação da sensibilidade de seus alunos. Esta questão, para muitos nem sequer é colocada” (PINHEIRO, 2007, p. 19). Levando em consideração o que foi dito anteriormente, nos caberia refletir sobre as consequências dessa marginalização da poesia dentro da sala de aula. Será de fato importante levar os discentes até as veredas poéticas? E qual seria o papel social da poesia?

Pensando que a poesia auxilia na formação da sensibilidade humana, então o seu papel social é deveras necessário em um contexto atual de extrema desumanização da sociedade como um todo. Neste sentido, vale a pena pontuarmos de que não será qualquer poema a ser utilizado e de qualquer modo. Alguns docentes usam poesias como se fossem corpos sem alma a serem dissecados na sala de aula, tirando todo o sabor e prazer de viver a poesia e de realizar umas de suas maravilhosas funções: a de catarse e a de ressignificação. Afinal de contas, não podemos perder de vista de que a palavra poesia vem latim *poësis* e este do grego *ποίησις*, que significa *criação*.

Para além de qualquer intenção específica que a poesia possa ter, (...) há sempre comunicação de alguma nova experiência, ou uma nova compreensão do familiar, ou a expressão de algo que experimentamos e para o que não temos palavras – o que amplia nossa consciência ou apura nossa sensibilidade. (ELIOT, 1991, p. 28)

Desta maneira, cabe-nos agora elucidar algumas condições, por assim dizer, necessárias para que este gênero literário possa ser usado em sala de aula; pois devemos nos atentar de que o texto poético possui um procedimento e cuidados específicos, ou seja, se deve pensar em quais atitudes tomar para a realização do trabalho. Outro fator importantíssimo é a personalidade do docente, uma vez que será ele a decidir, ou não, estimular seus discentes na aventura poética.

Está claro que a personalidade do professor, e particularmente, seus hábitos de leitura são importantíssimos para o desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças; sua própria educação também contribui de forma essencial para a influência que ele exerce. (BAMBERGER, 1986, p. 75)

Retomemos às condições necessárias para um profícuo trabalho com a poesia. A primeira, como já foi acenado, de que o docente seja realmente um leitor, que tenha experiência significativa de leituras poéticas relevantes. Todavia, tendo presente a real debilidade de nossa formação literária, não podemos nos iludir com docentes que saibam “tudo”; mas que, pelo menos, possuam um arcabouço de conhecimentos específicos na área. A segunda condição é a de realizar uma pesquisa de temas que vão de encontro com os interesses da turma. Tendo presente que nem sempre os temas suscitados sejam aqueles clássicos, mas que estão em voga. Essa plasticidade temática não deve, por sua vez, reduzir as experiências dos discentes, pelo contrário, deve abrir novas janelas. Assim, Hélder dirá:

Vale lembra que há muitas experiências que a criança e o adolescente não viveram, não conhecem e, portanto, não poderão sugerir. Nesta perspectiva, acreditamos que devemos levar aos nossos alunos textos novos que poderão integrar seu universo de leitura. (PINHEIRO, 2017, p. 27)

Uma terceira condição é o ambiente onde será trabalhado as leituras. O espaço adaptado para essa prática específica favorecerá duas coisas primordiais nos discentes: dar início a uma desprogramação *noética* pelo fato de estar em um ambiente diferente, e a facilidade de novos acessos sinápticos durante as leituras e proclamações poéticas. Algumas sugestões para esse ambiente seriam desde a formação de murais, músicas de fundo, performances no pátio da escola, colagens nas paredes.

Enfim, as experiências com as Salas de Leitura têm sido um instrumento vigoroso e salutar para a formação de leitores e novos poetas. O bom êxito dessas condições necessárias se dará na medida em que tivermos uma prática regular. Esta, por seu turno, se realizará tendo como foco um objetivo claro, como dirá Morin (1998, p. 43): “O objetivo fundamental da poesia é o de nos colocar num estado segundo, ou, mais precisamente, fazer com que esse estado segundo converta-se num estado primeiro.” Com outras palavras, a linguagem poética é capaz de nos reordenar na origem do sentido das coisas.

A linguagem poética e filosófica como ponte para a verdade

Neste artigo, não temos a pretensão de fazer uma análise filosófica da poesia, nem um estudo linguístico do discurso filosófico. Trata-se apenas de um olhar sobre as proximidades existentes entre a Filosofia e Poesia. Como explicitamos, a palavra poesia vem do latim *poēsis* e este do grego *ποίησις*, que significa **criação**; a palavra filosofia, por sua vez, vem do grego e em sua etimologia, aborda o significado sintético: *philos* ou *philia* que quer dizer amor ou amizade; e *sophia*, que significa sabedoria, ou seja, literalmente **amor pela sabedoria**. Desta maneira, a filosofia é o estudo de problemas fundamentais, estes relacionados à mente, à linguagem, aos valores éticos e morais, à verdade, à existência e ao próprio conhecimento. Por outro lado, os poetas – desde a antiguidade grega – buscaram, com o mesmo empenho, expressarem suas visões de mundo, de modo diferente da filosofia, de forma lírica, e assim, dizerem a verdade a partir de seus sentimentos. Dito de outro modo, a poesia cria novos significados para as palavras, novas regras de sintaxe e morfologia, desmembra e reorganiza os discursos criando o espanto, o estranhamento e, portanto, ressignifica a própria realidade do *ente* e do *cosmos*.

O ponto crucial entre a Filosofia e Poesia, portanto, está (...) na capacidade de se ver o mundo, conferindo-lhe sentido, isso porque, pela palavra, dizemos o que o mundo é como ele é, ou se preferir, descobrimos o próprio mundo. Nesta tarefa, tanto a Filosofia quanto a Poesia, compartilham do “Admirar” – princípio fundante do pensamento filosófico – do “espanto” humano diante dos mistérios do mundo e da própria vida. (FONTE BOA, 2015, p. 137)

Destarte, no que diz respeito ao modo de poetar e filosofar, podemos perceber uma maneira bem diversa de se usar a linguagem. Se na filosofia busca-se o rigor da objetividade “pura”, esta

pode escravizar e cristalizar o modo de ver do filósofo. Da outra parte, por usar uma linguagem muito específica e diferente da linguagem filosófica, ainda muito imprecisa e metafórica, os poetas, no exercício de poetar, encontram muitos empecilhos em proclamar com clareza aquilo que quer dizer da realidade que estão vivendo, uma vez que as emoções são capazes de mudar a percepção do que está à sua volta. Enfim,

[...] se o poetar pode afastar o poeta da realidade e fazer com que este, perca sua capacidade de ver e ler a realidade, o mesmo erro pode ocorrer com o filósofo ao filosofar, que pode ficar tão absorto na objetividade, que se quer dizer, que não se consegue compreender ou dizer claramente a realidade que se está a ver. (FONTE BOA, 2015, p. 137)

Neste sentido, se deve conceber a filosofia e a poesia como *ponte* para a interpretação dos fenômenos, cada qual ao seu modo, para buscar a verdade, seja utilizando uma linguagem “objetiva” para filosofar quanto a “subjativa” para poetar. Contudo, tanto o filósofo como o poeta ficam expostos à possibilidade de repensar seus próprios lugares, de modo que garantam a construção do sentido para os aspectos da mesma realidade, diante de seu olhar e do olhar do outro.

Tomemos agora em consideração o misterioso olhar do poeta. Segundo Mura (2001, p. 44, tradução nossa), “o mistério da poesia consistirá então em um ‘universal fantástico’ que será, em qualquer modo, mais filosófico da história, todavia, não pertence ao universal lógico da filosofia, constituindo mais precisamente uma forma autônoma da criação espiritual do homem.” Mura quer dizer que com a revolução moderna da hermenêutica, surge uma questão fundamental:

A questão que foi colocada pela hermenêutica é se a palavra e a linguagem do ser humano podem ser consideradas como puro símbolo no sentido tradicional, ou se a palavra e a linguagem exercem também para o pensamento um tipo de representação daquilo que são. Se é tratado, com outros termos, de valorizar a linguagem e a palavra para além de sua conotação puramente semiológica, para vir à tona toda a potência espiritual, existencial e histórica suscitada na palavra do ser humano, que não é reduzida nem ao puro símbolo, nem ao símbolo e muito menos à imagem ou à intuição eidética, uma vez que possui uma força e uma forma de significação existencial, cultural e espiritual que deve ser reconhecida enquanto tal. (MURA, 2001, p. 55, tradução nossa)

Dito de outro modo, na linguagem poética, a palavra vem ao ser o mesmo ser da coisa, no sentido de que a palavra manifesta a experiência daquilo que dizemos, assim, ao vir à compreensão, em seu ser hermenêutico, é possível somente no horizonte da palavra. O indizível torna-se dizível pelo próprio ser da palavra. Neste sentido a palavra do poeta não apenas cria uma nova realidade, mas manifesta a própria verdade do ser do ente, que em questão é a do poeta. Enfim, mesmo que, segundo Heidegger (1965, p. 15, tradução nossa), “nós não sabemos nada da linguagem que está entre aquela do poeta e aquela do filósofo, os quais habitam próximos sobre montes separados por um abismo”; tentamos criar essa ponte, que é a verdade, que ligam ambas as linguagens. Para melhor elucidar o que estamos refletindo, analisaremos um poema de um dos poetas que bem ilustra a passagem de um monte ao outro, através da poesia e da metafísica.

“O Poeta Amoroso”: um regente desvelador do amor de Pessoa

Fernando Antonio Nogueira Pessoa, ou apenas Fernando Pessoa, foi um dos maiores escritores da literatura universal e um dos mais aclamados e respeitados poetas da língua portuguesa e da língua inglesa. A figura misteriosa, cuja genialidade fez nascer diversos heterônimos com estilos e biografias próprios, é sinônimo de multiplicidade e versatilidade literária.

Fernando Pessoa nasceu em Lisboa, Portugal, no dia 13 de junho de 1888 e faleceu em sua cidade natal no dia 30 de novembro de 1935, aos 47 anos de idade. Além de poeta e tradutor,

Fernando Pessoa foi jornalista, editor e empresário. Sua extensa obra poética teve no fenômeno da heteronímia a principal característica: o poeta criou diferentes personalidades com biografias e estilos peculiares, em um complexo e surpreendente processo de fragmentação psicológica. Entre seus principais heterônimos, Alberto Caeiro, considerado o mestre de todos os outros, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Há ainda Bernardo Soares, um semi-heterônimo, assim denominado por apresentar uma linguagem e visão de mundo muito parecidas com a do próprio Pessoa.

Segundo Pires (1975), Fernando Pessoa é, talvez, o poeta de língua portuguesa em que a poesia e a filosofia mais se aproximam apesar do abismo que as separam. Em primeiro lugar, uma questão de linguagem. O escritor que é poeta, e grande poeta, dá à língua em que se exprime uma ductilidade e maleabilidade que a torna apta para exprimir o pensamento. Em segundo lugar, talvez o único na literatura portuguesa, que o tema-base da obra poética de um grande autor seja a meditação metafísica sobre o ser; levando-nos a considerar que este é o centro da interpretação de toda a obra pessoana. Interpretação que não só projeta luz sobre a questão tão debatida dos heterônimos, mas sobretudo abre o acesso para a compreensão da temática poético-filosófica de Pessoa.

Com relação à polifonia poética de Pessoa, Gomes Júnior (2002, p. 4) afirma que ele “teatralizou” a poesia criando ‘eus’ poéticos, aos quais se denominou ‘heterônimos’, uma vez constatados a simbologia de sentimentos e atitudes criados”. Neste artigo analisaremos o poema “O Pastor Amoroso” de Alberto Caeiro; levando em consideração o que Saddi (2011, p. 4010) afirma que “definir, explicar, classificar, normatizar o pensamento poético e a criação nas linguagens é como esartejá-las para lhes entender o funcionamento e sugar-lhes a alma.” Neste sentido, faremos uma exegese por meio da fenomenologia do amor; levando em consideração uma questão fundamental na análise poética: “não ensinamos poesia e não é um saber técnico-instrumental que define o trabalho; é, antes, uma convivência que se partilha.” (PINHEIRO, 2007, p. 102)

Assim veio ao mundo em um dia único e cheio de êxtases para Pessoa, aquele que posteriormente designaria como o seu mestre: Alberto Caeiro. Desta maneira, o poeta se refere ao dia de seu “nascimento” na carta a casais:

Lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro – de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta, mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira – foi em 8 de março de 1914 – acerquei-me de uma cômoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. (PESSOA, 1990, p. 52)

Alberto Caeiro nasceu em Lisboa no ano de 1889 e morreu vítima de tuberculose na mesma cidade em 1915. Teve uma vida simples junto de uma tia já bastante idosa. Viveu de poucos recursos deixados pelos pais que não viveram por muito tempo. Ele não teve profissão e uma formação apenas primária. Sua estatura era média e tinha olhos azuis e cabelos loiros. Sua obra quase toda foi escrita no campo, exceto Poemas Inconjuntos, terminados em Lisboa. Além do mais ele pode ser considerado o mestre de Álvaro de Campos, Ricardo Reis e do próprio Fernando Pessoa.

Seus escritos foram: o Guardador de Rebanhos e depois “O Pastor Amoroso”. Voltou no final da sua curta vida para Lisboa, onde escreveu “Os Poemas Inconjuntos”. Mas aqui nos deteremos sobre a obra “O Pastor Amoroso” que é dividida em oito poemas. Sua forma de escrever parece mesmo uma prosa, e não uma poesia, como é classificada a obra. Todos os versos são livres e brancos. E o eu lírico da poesia é o próprio Pastor Amoroso. Eis o poema (PESSOA, 1977, p. 92-98):

O Pastor Amoroso

Quando eu não te tinha
Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo...
Agora amo a Natureza
Como um monge calmo à Virgem Maria,
Religiosamente, a meu modo, como dantes,
Mas de outra maneira mais comovida e próxima.
Vejo melhor os rios quando vou contigo
Pelos campos até à beira dos rios;
Sentado a teu lado reparando nas nuvens
Reparo nelas melhor...
Tu não me tiraste a Natureza...
Tu não me mudaste a Natureza...
Trouxeste-me a Natureza para ao pé de mim.
Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma,
Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais,
Por tu me escolheres para te ter e te amar,
Os meus olhos fitaram-na mais demoradamente
Sobre todas as cousas.
Não me arrependo do que fui outrora
Porque ainda o sou.
Só me arrependo de outrora te não ter amado.
Está alta no céu a lua e é primavera.
Penso em ti e dentro de mim estou completo.
Corre pelos vagos campos até mim uma brisa ligeira.
Penso em ti, murmuro o teu nome; não sou eu: sou feliz.
Amanhã virás, andarás comigo a colher flores pelos campos,
E eu andarei contigo pelos campos a ver-te colher flores.
Eu já te vejo amanhã a colher flores comigo pelos campos,
Mas quando vieres amanhã e andares comigo realmente a colher flores,
Isso será uma alegria e uma novidade para mim.
Agora que sinto amor
Tenho interesse nos perfumes.
Nunca antes me interessou que uma flor tivesse cheiro.
Agora sinto o perfume das flores como se visse uma coisa nova.
Sei bem que elas cheiravam, como sei que existia.
São coisas que se sabem por fora.
Mas agora sei com a respiração da parte de trás da cabeça.
Hoje as flores sabem-me bem num paladar que se cheira.
Hoje às vezes acordo e cheiro antes de ver.
Todos os dias agora acordo com alegria e pena.
Antigamente acordava sem sensação nenhuma; acordava.
Tenho alegria e pena porque perco o que sonho
E posso estar na realidade onde está o que sonho.
Não sei o que hei-de fazer das minhas sensações,
Não sei o que hei-de ser comigo.
Quero que ela me diga qualquer coisa para eu acordar de novo.
Quem ama é diferente de quem é.
É a mesma pessoa sem ninguém.
O amor é uma companhia.
Já não sei andar só pelos caminhos,
Porque já não posso andar só.
Um pensamento visível faz-me andar mais depressa

E ver menos, e ao mesmo tempo gostar bem de ir vendo tudo.
 Mesmo a ausência dela é uma coisa que está comigo.
 E eu gosto tanto dela que não sei como a desejar.
 Se a não vejo, imagino-a e sou forte como as árvores altas.
 Mas se a vejo tremo, não sei o que é feito do que sinto na ausência dela.
 Todo eu sou qualquer força que me abandona.
 Toda a realidade olha para mim como um girassol com a cara dela no meio.
 Passei toda a noite, sem saber dormir, vendo sem espaço a figura dela
 E vendo-a sempre de maneiras diferentes do que a encontro a ela.
 Faço pensamentos com a recordação do que ela é quando me fala,
 E em cada pensamento ela varia de acordo com a sua semelhança.
 Amar é pensar.
 E eu quase que me esqueço de sentir só de pensar nela.
 Não sei bem o que quero, mesmo dela, e eu não penso senão nela.
 Tenho uma grande distração animada.
 Quando desejo encontrá-la,
 Quase que prefiro não a encontrar,
 Para não ter que a deixar depois.
 E prefiro pensar dela, porque dela como é tenho qualquer medo.
 Não sei bem o que quero, nem quero saber o que quero.
 Quero só pensar ela.
 Não peço nada a ninguém, nem a ela, senão pensar.
 Talvez quem vê bem não sirva para sentir
 E não agrade por estar muito antes das maneiras.
 É preciso ter modos para todas as cousas,
 E cada cousa tem o seu modo, e o amor também.
 Quem tem o modo de ver os campos pelas ervas
 Não deve ter a cegueira que faz fazer sentir.
 Amei, e não fui amado, o que só vi no fim,
 Porque não se é amado como se nasce mas como acontece.
 Ela continua tão bonita de cabelo e boca como dantes,
 E eu continuo como era dantes, sozinho no campo.
 Como se tivesse estado de cabeça baixa,
 Penso isto, e fico de cabeça alta
 E o dourado do sol seca as lágrimas pequenas que não posso deixar de ter.
 Como o campo é grande e o amor pequeno!
 Olho, e esqueço, como o mundo enterra e as árvores se despem.
 Eu não sei falar porque estou a sentir.
 Estou a escutar a minha voz como se fosse de outra pessoa,
 E a minha voz fala dela como se ela é que falasse.
 Tem o cabelo de um louro amarelo de trigo ao sol claro,
 E a boca quando fala diz cousas que não há nas palavras.
 Sorri, e os dentes são limpos como pedras do rio.
 O pastor amoroso perdeu o cajado,
 E as ovelhas tresmalharam-se pela encosta,
 E, de tanto pensar, nem tocou a flauta que trouxe para tocar.
 Ninguém lhe apareceu ou desapareceu... Nunca mais encontrou o cajado.
 Outros, praguejando contra ele, recolheram-lhe as ovelhas.
 Ninguém o tinha amado, afinal.
 Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa, viu tudo:
 Os grandes vales cheios dos mesmos vários verdes de sempre,
 As grandes montanhas longe, mais reais que qualquer sentimento,
 A realidade toda, com o céu e o ar e os campos que existem,
 E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade no peito.

Nesta obra, Caeiro vê-se comovido pelo amor, como já alude o título, e afeta o seu modo de “ver” a realidade que o envolve e altera de modo intenso o seu sentir:

Agora que sinto amor
Tenho interesse nos perfumes
Nunca antes me interessou que uma flor tivesse cheiro
(CAEIRO, 2007, p. 93)

Sim, o amor é capaz de “desvelar” não apenas o nosso olhar, mas até mesmo o nosso ser-no-mundo. O amor, segundo Anna Bissi (1998, p. 21, tradução nossa), “continuamente recria a situação no qual pôde gozar a presença do amado”. Sendo assim, seria interessante, antes de continuarmos, recordar brevemente, o vasto campo semântico da palavra amor¹: fala-se de amor da pátria, amor à profissão, amor entre amigos, amor ao trabalho, amor entre pais e filhos, entre irmãos e familiares, amor ao próximo e amor a Deus. Em toda esta gama de significados, porém, o amor esponsal, no qual concorrem indivisivelmente corpo e alma e se abre ao ser humano uma promessa de felicidade que parece irresistível, sobressai como arquétipo de amor por excelência, de tal modo que, comparados com ele, à primeira vista todos os demais tipos de amor se ofuscam diante de nossos olhos. E isto não é diferente com “O Pastor Amoroso”:

Está alta no céu a lua e é primavera
Penso em ti e dentro de mim estou completo (Idem, p. 92)

Sim, esta “completude” se dá pelo fato de que na fenomenologia do amor, e mais especificamente aquele esponsal, há uma ruptura do “eu-amante” com relação a si mesmo. Ao ponto do “eu-amante”, ao ser também amado pelo “eu-amado”, não se reconhecer igual aos outros: “Quem ama é diferente de quem é” (CAEIRO, 2007, p. 92).

Mais adiante o Pastor Amoroso canta em seus versos o seu novo modo de ver a existência imbuída de uma nova melodia que o faz verdadeiramente olhar o efêmero com tons de eternidade:

Agora que sinto amor, tenho interesse nos perfumes
Nunca antes me interessou que uma flor tivesse cheiro
Agora sinto o perfume das flores como se visse uma coisa nova
(Idem, p. 93)

Mas por que o Pastor Amoroso agora consegue enxergar o que antes era invisível? Simples como a afirmação de Antoine no Pequeno Príncipe: “Só se enxerga bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 70).

Uma vez que o Pastor deixou “cair o véu” e se apaixonou, experimentou o amor de uma forma impetuosa, e de nada adiantaria querer não ver; a força do amor é grande, tão grande que ele chega a afirmar:

O amor é uma companhia
Já não sei andar só pelos caminhos,
porque já não posso andar só (Idem, p. 95)

Para quem já experimentou o amor em seus mais diversos horizontes sabe muito bem o que é sofrer por amar e não ser amado. O Pastor bem sabe de sua dor, e nem adianta se iludir nem fingir em seus poemas a dor que deveras se sente:

¹ Cf. BENTO VI. *Carta Encíclica Deus Caritas Est*. São Paulo: Paulinas, 2005. Nesta obra o autor tece de modo lúcido alguns horizontes da fenomenologia do amor, quebrando um paradigma ocidental-cristão de que o amor a Deus fosse mais importante do que o amor esponsal e o amor ao próximo.

Se a não vejo, imagino-a e sou forte como as árvores altas.
Mas se a vejo tremo,
não sei o que é feito do que sinto na ausência dela.
Todo eu sou qualquer força que me abandona (Idem, p. 95)

A dor e a alegria se confundem, “todos os dias agora acordo com alegria e pena” (CAEIRO, 2007, p. 94); assim como as noções de tempo e de espaço; e a única coisa que um coração amoroso consegue enxergar, é a fonte de seus desejos, até mesmo onde ela não está:

Toda a realidade olha para mim como um girassol
com a cara dela no meio (Idem, p. 95)

Outra característica do amor é o medo.

Quando desejo encontrá-la; Quase que prefiro não a encontrar,
Para não ter que a deixar depois. E prefiro pensar dela, porque
dela como é tenho qualquer medo (Idem, p. 96)

Mas este medo não é aquele de não amar e muito menos o de não ser amado. Aqui a fenomenologia do amor nos revela que o verdadeiro medo é aquele de não ser.

Não sei o que hei-de fazer das minhas sensações,
não sei o que hei-de ser comigo.
Quero que ela me diga qualquer coisa para eu acordar de novo
(Idem, p. 94)

Como assim “não ser”? No amor, ao contrário do que nos é continuamente ensinado, o mais importante não é a forma ativa do amor, ou seja, “amar”, mas sim, a passiva, “deixar-se amar”. Neste sentido, a dor profunda de um amor não recíproco, não é aquela de não ser amado, mas de voltar a ser quem se era antes de se permitir amar:

é a mesma pessoa sem ninguém. (Idem, p. 94)

Por fim, o pastor amoroso agora sente sem sentir, vê sem olhar, respira sem ar, pois se perdeu o seu “cajado” e com ele toda aquela orquestra sinfônica que o fazia estar na realidade, mas fora dela.

O pastor amoroso perdeu o cajado
E as ovelhas tresmalharam-se pela encosta, e, de tanto pensar,
nem tocou a flauta que trouxe para tocar (Idem, p. 98)

O Pastor sabe que algo não pode ser esquecido: “Ninguém o tinha amado, afinal” (CAEIRO, 2007, p. 98), eis a sua *alétheia*. Uma verdade incontestável aquela que ao se deixar passar “o” amor, tudo volta ao normal:

Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa, viu tudo: Os
grandes vales cheios dos mesmos vários verdes de sempre;
As grandes montanhas longe, mais reais que qualquer
sentimento; A realidade toda, com o céu e o ar e os campos
que existem, E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor,
uma liberdade no peito (Idem, p. 98)

E essa realidade toda reforça a ideia de libertação, porém dolorida.

Considerações Finais

Enfim, os textos filosóficos, literários, e os poéticos em particular, devem ser tratados não somente como objetos linguísticos que participam da experiência comum, mas devem ser também

considerados como verdadeiros instrumentos para desenvolver a sensibilidade dos indivíduos e propiciar uma maior lucidez perceptiva de si mesmo e do mundo.

Nesse sentido, e em particular nesse texto, podemos perceber que os textos poéticos podem ser utilizados na sala de aula, desde que bem contextualizados e seguindo um planejamento que leve a alguma atividade além das leituras de tais textos. Há que ser feito, por parte do professor, um bom planejamento para que a atividade com o uso de um poema como esse de Pessoa torne-se uma atividade de valor artístico, literário e filosófico, enfim, humanista.

Assim como o pastor amoroso seguiu o seu pastoreio em liberdade, não obstante as suas dores. Também nós, seguindo os caminhos escarpados da poesia, do amor e da filosofia, devemos ajudar a desvelar a todo sonhador, poeta, filósofo e amante, que jamais se saberá o que, de fato, o amanhã nos trará e qual será a verdade a ser revelada em nós.

Referências

- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar os hábitos de leitura**. São Paulo: Ática/UNESCO, 1986.
- BENTO VI. **Carta Encíclica Deus Caritas Est**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BISSI, Anna. **Il battito dela vita. Conoscere e gestire le proprie emozioni**. Milano: Paoline, 1998.
- CAEIRO, Alberto. **Poemas completos de Alberto Caeiro**. São Paulo: Marin Claret, 2007.
- CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula. Caderno de análise literária**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2005.
- ELIOT, Thomas Stearns. **De poesia e de poetas**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- FONTE BOA, Geraldo Fernandes. Filosofia e Poesia: a linguagem como ponte e não como ponto. IN: **Synthesis**. Revista digital FAPAM. Pará de Minas, v.6, n.6, pág. 134-141, dez. 2015. Disponível no site: <<http://periodicos.fapam.edu.br/index.php/synthesis>>. Acessado em 31 mai. 2018.
- GOMES JUNIOR, Saul. **Diversas Máscaras Poéticas**. Belém: UNAMA-Seminário de Leituras Literárias, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. **Poscritto a Che cos'è la metafísica?** Firenze: Radici, 1965.
- MARTINS, Fernando Cabral; ZENITH, Richard. **Fernando Pessoa: Teoria da Heteronímia**. Porto: Porto Editora, 2012.
- MOISÉS, Massaud. **Fernando Pessoa: O espelho e a Esfinge**. São Paulo: Cultrix: Editora da USP, 1998.
- MORIN, Edgar. **Amor, Poesia e Sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- MURA, Gaspare. **Pensare la parola – Per una filosofia dell'incontro**. Roma: Urbaniana University Press, 2001.
- PESSOA, Fernando. **Alguma prosa**. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- PESSOA, Fernando. **Fernando Pessoa: obras em prosa em um volume**. Rio de Janeiro: companhia José Aguilar, 1974.
- PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. O pastor amoroso. Rio de Janeiro: Aguilar, 1977.
- PESSOA, Fernando. **Páginas Íntimas e de Auto Interpretação**. Lisboa: Ática, 1966.

PESSOA, Fernando. **Poemas de amor de Fernando Pessoa**. (Org.) Alexei Bueno. 9.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 3.ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.

PIRES, Celestino. Fernando Pessoa: poesia e metafísica. IN: **Revista Portuguesa de Filosofia** de Julho-Setembro, 1975. Disponível no site: <<http://omeubau.net/fernando-pessoa-poesia-e-metafisica/>>. Acessado em 01 jun. 2018.

SADDI, Maria Luiza Saboia. Os desenhos no céu: sonho e poesia. IN: **Anais do 20º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes (ANPAP)**. Rio de Janeiro, pág. 4000 a 4012, 2011. Disponível no site: <http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/maria_luiza_saboia_saddi.pdf>. Acessado em 14 dez. 2017.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

SEABRA, José Augusto. **Fernando Pessoa ou o poeta drama**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

Recebido em 28 de fevereiro de 2019.

Aceito em 4 de junho de 2019.